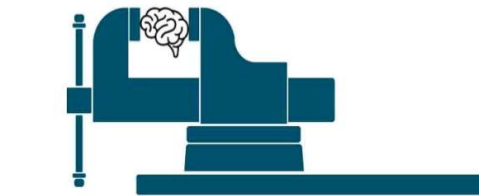


OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel. (0800-015-9000; fax (11) 3224-3895



Carla

O profundo necessário

Diante de jornalismo em crise, Folha não pode se acostumar às águas rasas

José Henrique Marante

Mais lidas da Folha na noite de sexta-feira (19): "BBB2: Direção do reality fica aliviada com desistência de Vunesa Lopes"; "Mãe e filha morrem afogadas durante temporal no interior de SP"; "BBB2: Vunesa Lopes desiste do reality"; "BBB2: Entenda por que Vunesa Lopes desistiu do programa"; "Videom mostra homem em surto antes de ser sugado por turbina de avião nos EUA". Exceção feita à tragédia de Limeira, mais uma provocação pelo despreparo do país diante da crise climática, lado

perverso do negociacionismo que consumirá outras muitas vidas enquanto perdurar o cardápio da lista não é exatamente o que se espera de um jornal como a Folha. Porém, é o que se apresenta, talvez pelo simples fato de ser do interesse de grande parte de seu público. São os mais lidos, afinal.

Nada disso é novo. A procura pelo fato divers e antigo como o jornalismo, a única diferença para o atual estado de coisas que antes não havia uma máquina de contar cliques. Existiam métodos para aferir

apelos, mas em ritmo e sob gravidade de outro planeta. O confronto com essa realidade instantânea de leitura tem impacto considerável nas Redações. Muitas se submetem aos números, a crise no setor é flagrante e mundial. Quem está melhor posicionado, como este jornal e seus principais concorrentes, busca um equilíbrio entre a audiência, fundamental para as contas, por

obvio, e o jornalismo de qualidade, único meio de contrariar o produto na terra plana da internet. Essa é a teoria. O dia a dia revela sinais, uns sutis outros eloquentes, de certa contaminação no processo. Alguns exemplos da última semana, esparsos. "Litoral de São Paulo registra uma morte por afogamento por dia em 2022", diz título de Folha, que considera a média "alarmante" no lide da reportagem. Adjetivos funcionam melhor quando encobertos por informação, como, por exemplo, a média do verão anterior, que só aparece em uma segunda matéria sobre o tema, dias mais tarde. O jornal levou um tempo

também para noticiar que mudanças na disseminação em massa de conteúdo no WhatsApp são mau presságio para este ano eleitoral, segundo especialistas. Em publicação anterior, de título laudatório ("WhatsApp incrementa canais de envio de mensagem em massa com áudio e enquete"), a ponderação não existe. Um único parágrafo lembra que a alteração fora adotada por recomendação do MPF antes do conturbado pleito de 2022. Apurar demora, e são poucos os veículos que atualizem-se de tão ao largo de segurar uma história para publicá-la com mais conteúdo depois. A maioria joga o noticiário, premida pelo relógio ou pelos concorrentes, como nos casos listados. Publique-se o fato, e sua digestão quando der. Ocorre também de a parte ser tomada como o todo. Em "Alô de Bolsonaro e embustes com STF Carlos e Felipe Neto; quem é Carlos Jordy, alvo da PF", o enunciado promete um perfil do líder da oposição na Câmara, e acessível de vez pela Operação Lava Jato. A reportagem, no entanto, se limita à polêmica atuação do deputado nas redes sociais nos últimos anos. Diz muito sobre ele e talvez seja o que muitos entendam como perfil usualmente, mas ajudaria bastante na compreensão do personagem saber de onde saiu, com que plataforma se chegou, o que fazia antes da carreira pública, detalhes de sua vida pessoal, se pertinentes. O núcleo duro de leitores da Folha, e razoável imagina, tem mais familiaridade

de Cid iniciaram uma vaquinha no fim de dezembro para arrecadar R\$ 300 mil. O objetivo, segundo as mensagens que circularam em grupos de WhatsApp, seria auxiliar no pagamento dos honorários do advogado do militar, Cezar Britenecourt. O texto para atrair colaborações dizia que o objetivo era ajudar Cid "a pagar os custos com advogados, que são imensos". Relativa ainda que os elevados gastos fariam com que "ele vendesse vários bens para honrar com os custos de honorários advocatícios". "Vamos juntos ajudar esse amigo que sempre foi leal, pai de família e um excelente militar", dizia o texto.

A lei que define os critérios e processos para a promoção de oficiais das Forças Armadas é de 1972, período de endurecimento da ditadura militar. Ela foi sancionada pelo general Emílio Garrastazu Médici. O decreto que regulamenta as promoções é de 2001, período em que o então presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) tomava medidas de restrição orçamentária e cerceava os benefícios dos militares.

Pelas normas do Exército, as promoções são analisadas pela Comissão de Promoções de Oficiais. O grupo é composto por 18 generais e presidido pelo chefe do Estado-Maior.

O colegiado analisa ao menos nove critérios básicos, como o rendimento escolar, o desempenho nos cargos ocupados e a capacidade de chefia e liderança.

Mauro Cid está sem função no Exército desde setembro de 2023, quando o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, decidiu suspender o militar após o fêchiar acordo de colaboração.

Na decisão, Moraes determinou que Cid utilizasse tornazeleira eletrônica e comparasse semanalmente à Vara de Direções Penais. Ele decidiu ainda que o Exército deveria deixar Cid sem cargo durante o prazo da colaboração premiada.

Exército aguarda Cid virar réu para evitar desgaste com promoção

Procedimento envolvendo ex-ajudante de ordens de Bolsonaro e colegas foi iniciado com envio de documentação

Cezar Britenecourt

BRASÍLIA A cúpula do Exército espera que o MPF (Ministério Público Federal) apresente denúncia contra o tenente-coronel Mauro Cid antes de abril. O prazo é considerado crucial para gerais ouvidos pela Folha, já que a turma de Cid na Amam (Academia Militar das Agulhas Negras) disputa a promoção para coronel no dia 30 daquele mês. Pelas regras atuais, Cid poderia ser impedido de concorrer à promoção caso se tornasse réu na Justiça. Há outras situações em que militares ficam com a carreira congelada, sem possibilidade de promoção, mas o tenente-coronel não se encaixa em nenhuma delas. Mauro Cid está entre os primeiros lugares da turma e é um dos mais cotados a receber a terceira estrela de fardamento. O desgaste no Exército com uma promoção do ex-ajudante de ordens de Jair Bolsonaro (PL), porém, tem gerado apreensão entre militares próximos do comandante do Exército, general Tomás Paiva. O militar ficou quatro meses preso no ano passado e é investigado em diferentes apurações relacionadas a Bolsonaro. Entre os casos, estão a organização de uma live em

que o ex-presidente fez ataques contra o sistema eleitoral, suspeitas envolvendo a gestão de recursos da família presidencial, a apuração da venda de joias recebidas por Bolsonaro e a falsificação de cartões de vacinação para ingresso nos Estados Unidos.

A Polícia Federal espera avançar também com investigações sobre um possível planejamento de golpe de Estado por parte de apoiadores de Bolsonaro após a eleição de Lula (PT), no fim de 2022. O ex-ajudante de ordens firmou um acordo de colaboração premiada com a PF. Cid se formou na Amam em 2000 com a terceira melhor nota da turma e foi colocado com o primeiro lugar do mestrado no Esao (Escola Superior de Aperfeiçoamento de Oficiais). O prêmio fica exposto em medalha na farda do tenente-coronel.

Colegas de turma consultados pela reportagem, sob reserva de identificação, sem um desdobramento no Judiciário, ele é o principal candidato à promoção em abril. Se Cid não se tornar réu até lá, os tenentes-coronéis formados com ele acreditam que somente notas desfavoráveis concedidas no âmbito da Comissão de Promoção de Oficiais poderiam evitar



O tenente-coronel Mauro Cid em depoimento à CPI do 8 de Janeiro. Paulo Ladeira - 11 jul. 23/Folhapress

sua progressão na carreira.

O processo para a promoção a coronel da turma de Mauro Cid começou em novembro, com a disponibilização do RIFrom (Relatório de Impedimentos de Promoções). Trata-se de um documento montado pelo Exército que mostra quem está impedido ou habilitado a concorrer à promoção.

Segundo relatos feitos à Folha, o RIFrom de Cid não apontou impedimento. O tenente-coronel está habilitado para concorrer à promoção e já assinou e enviou os documentos necessários ao órgão militar apesar das investigações conduzidas pela Polícia Federal e as implicações de sua superexposição à família.

Como forma de demonstrar apoio ao ex-ajudante da base de dados de pessoal.

“Vamos juntos ajudar esse amigo que sempre foi leal, pai de família e um excelente militar

” mensagens em rede social texto foi usado para conseguir doações em vaquinha com o objetivo de ajudar Cid a pagar advogados